

RESENHA – REVIEW – RESEÑA

O PRANTO ESFUMAÇADO

SMOKY TEARS

EL LLANTO ESFUMADO

Por: **Wlaumir Doniseti de Souza**

Doutor em Sociologia pela UNESP, mestre em História pela UNESP e graduado em Filosofia pela PUC. Professor do Centro Universitário Barão de Mauá de Ribeirão Preto – SP onde coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Metodologia da Oralidade (NEPMO) das Faculdades de História e Geografia. E-mail: wlaumir@hotmail.com

PAULS, Alan. **A história do pranto**. São Paulo: Cosac e Naify, 2008. 88p.

O escritor argentino Alan Pauls, premiado internacionalmente, nasceu em Buenos Aires, 1959, e é considerado um dos principais autores latino-americanos vivo. Suas obras foram traduzidas para o português, o francês e o inglês. Dentre estas *O passado* foi adaptada para o cinema pelo diretor Hector Babenco, em 2007, e no mesmo ano, a Cosac Naify, em 2007, o publicou. Foi recorde editorial desta editora. Em 2008, Pauls publicou *História do pranto* que faz da trilogia que tem nos outros vértices a *História do dinheiro* e *História do cabelo*.

A escrita de Alan Pauls em *História do pranto* é, no mínimo, densa. Numa composição que fica entre o romance histórico da política argentina dos anos 1970 e o psicológico. Os parágrafos são longos e as frases impõem uma narrativa de leitura veloz e, por isto mesmo, inquietante devido a originalidade da conciliação entre o texto e o contexto (re)arranjado pelo autor. Num ritmo denso, que se aproxima do vivido, o autor desliza entre as descrições, as divagações e as inquietações compartilhadas com o leitor face as memórias de uma criança que vai da crença de ser o Super-Homem ao adolescente que se identifica com a história da esquerda argentina.

Filho de divorciados da classe média de Buenos Aires, o protagonista é mescla entre uma infância sutilmente sensível e silenciosa, algo que historicamente foi propalado

como próprio do feminino, e a adolescência que desperta para as questões políticas balizadas por autores e periódicos de esquerda.

Entre os sentimentos e o imaginário aliados do pensamento burguês, no qual o estereótipo máximo é a figura do super-homem, e as proposituras de esquerda, assiste-se ao amadurecimento de um jovem em meio ao regime militar argentino. Da primeira cena à última o ponto é o super-herói. O contraponto, os prantos em suas diferentes manifestações individuais, sociais e culturais.

A fantasia preferida, a de super-homem, é emblemática na narrativa. A historieta da criança fantasiada de super-homem que se choca contra a vidraça é alegórica ao sinalizar os percursos seguidos pela obra, pelo protagonista e os personagens rememorados. A imagem é reveladora. Se a sociedade androcêntrica possibilita/impõe ao homem o compor-se enquanto super, todo poderoso; na contraface deste processo, os vidros estilhaçados da janela francesa, revelam a multiplicidade das possibilidades que escapam as generalidades, a exterioridades e coercitividades sociais, prantos forçosos na busca da liberdade. Estes incalculáveis como os cacos da vidraça.

Deste ponto de vista, a pergunta, subliminar do texto e do contexto é qual o pranto que seríamos capazes de suportar e superar para sermos nós mesmos ou nos negarmos? Ou ainda, qual o pranto mais profundo ou o mais ligeiro? Seria o que se ostenta, pois socialmente aceito e consolidado nos valores e regras sócias, sendo texto aceito naquele contexto? Ou, seria o pranto silencioso, num jogo entre o visto e o oculto, o chiaroscuro, do implicitamente aceito, mas publicamente no ostracismo?

Deste prisma, o autor joga criticamente com a tradição ocidental judaico-cristã, bem aos moldes argentinos (ou seria latino-americano?). O pranto seria aquele da tradição judaica do rasgar-se, do pôr-se em cinzas? Ou, o silencioso, onde até os pensamentos são controlados, na tradição cristã, pois mesmo o pensar gera o pecado? O chiaroscuro se impõe na obra. O jogo entre o binômio público, o manifesto, e privado, o íntimo, esfumaçando o ser em meio ao ser social que se (re)compõem face aos prantos que para o autor se aproxima mais da dor que do amor.

Assim, o pranto aprofunda-se na narração com uma sutileza, tão eficiente, que se faz presente, em suas múltiplas cores desvelando os simulacros culturais pelos quais as relações e as questões de gênero, entre outras, construída social e culturalmente, se

impõem, silenciando sutilmente o protagonista, aos ouvidos dos outros, mas o iluminando internamente.

Para este super-homem mirim já se interpunha “A dor excepcional” (p.8), o “verdadeiro calvário” (p.10), “A dor é sua educação e sua fé. A dor o torna crente. Acredita apenas, ou sobretudo, naquilo que sofre.” (p.11). Em outros termos, a inocência do universo infantil se desconstruía face ao universo adulto, quer do pai e os espaços que freqüentava, da mãe suas sutilezas femininas, do vizinho aparentemente militar e homem. Destarte, o que aparecia aos adultos como sensibilidade, para ele, era dor. A arte de ouvir seus interlocutores era sua manifestação mais sublime de pranto (p.13).

O garoto desperta para um fato irretocado: o universo androcêntrico e militar se manifesta em todos os espaços daquela sociedade: “são militares o bairro, o engenheiro que desenhou os edifícios, a maioria dos nomes das ruas, o hospital” (p.46). Neste universo androcêntrico os militares andam sempre e no mínimo “de dois em dois, muito juntos, ao mesmo tempo únicos” (p.48).

Neste enredo se super-homem, onde o masculino está destinado a vencer o mundo, a manifestar-se no público, descreve com acuidade a “não liberdade” feminina, ou, em outros termos, os prantos impostos pela falocentria às mulheres.

Passa por sua mãe, que casou as pressas e, como profetizado pela cultura androcêntrica manifesta verbalmente pelos pais da mesma, estava divorciada e sob as condições mais controladoras possível de seu comportamento ao regressar ao domínio dos pais (p.17-18).

A avó “que em público, ou seja, basicamente na presença do marido, não abre a boca a não ser para dizer sim e está bem – e isso só quando seu marido lhe dirige a palavra” (p.18).

Por outro lado, o universo masculino é composto pelo pai e pelo avô. Todavia, os universos apresentados por estes lhe incomodavam, ou tinham significados que era incapaz de traduzir, e por isso mesmo evidenciava a sua sensibilidade incomum a um garoto de suas idade, (ou seria de seu sexo?).

Neste contexto, “o pranto é a prova, a obra-prima, o monumento que ele alenta e celebra e protege como se fosse uma chama única, inestimável, que caso se apague, jamais voltará a se acender.” Assim, como analisa Saffioti¹, em meio a este pranto

¹ SAFFIOTI, H.I.B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 2002.

masculino, até as lágrimas lhe são negadas (p.21). A mãe atenta a isto, como reação do feminino ao masculino heteronormativo chegou a pensar em levar o filho ao médico, mas o que diria a este “Meu filho não chora.’? A quem dirá uma frase como essa?” (p.22).

Todavia, na contradição das identificações, na presença do pai o garoto chora. A presença do pai o torna em pranto. E, num processo a avessa reeduca o pai para as sensibilidades. (p.25) e, numa contramarcha identitária, o jovem recompõe-se na passagem da “indústria do sensível ao mercado do político”, do privado enquanto feminino, para o masculino-público que está na canção de protesto outrora exilada (p.28). Recompõe-se em face ao “mundo da sensibilidade” como campo de batalha diário onde tudo é pranto (p.33). A prova maior de que o mundo das sensibilidades era o universo do pranto estava na figura do cantor de protesto, a face mais explícita da inflexibilidade torturadora do regime militar argentino que não poupou nem mesmo um oligarca. (p.39)?

Neste ponto a melhor imagem trabalhada pelo autor é a do militar face a sua duplicidade androcêntrica. Por um lado “promete segurança e (de outro ...) rouba e violenta a mão armada, uma que vigia as fronteiras da pátria e outra que saqueia e extermina com o distintivo no peito, uma que abençoa e reconforta e outra que se faz masturbar”. E, “dessas duas há uma, a secreta, a que se oculta atrás do verde oliva, da insígnia de grau (...) dedicado aos usos e costumes da classe alta argentina ... esse duplo clandestino” (p.45).

História do pranto é a história do jogo entre o que é e o que não é, o claro e o escuro, o ser e o não ser. Ao mostrar-se sob a ótica de um terceiro, o narrador, o que permanece são as possibilidades de reinventar-se o sentido compartilhado sem esgotar significados. Neste sentido, o comentário sobre o escritor Manuel Puig é a melhor síntese sobre os sentidos do pranto - “da ficção, faz uso contrário, para manter o real a distância, para interpor algo entre ele e o real, algo de outra ordem, algo, se possível, que seja em si mesmo outra ordem.” (p.50)

Esta outra ordem encontra seu cume no militar. Se publicamente masculino, androcêntrico, fonte das mais deferentes divagações do garoto super-homem, na realidade esfumaça-se ao estar uma mulher travestida de homem/militar. Em outros termos, o travestismo masculino encontra sua manifestação na hipermasculinidade militar que não foi capaz de conter a invasão do feminino. Este, espião do próprio homem, espião da esquerda sobre a direita.

A dialética da mão esquerda e direita busca então sua superação tanto no campo social como no político. Não mais o esquerdo sendo o feminino, o gay, o negro, o erro, o imoral, o socialismo e, a direita, o masculino, o hetero, o branco, o correto, o liberalismo. Todavia, a sociedade que se manifesta seria o travesti da mulher em homem ou do homem em mulher? É uma questão tênue que se interpõe ao texto.

Destarte, neste esfumado do chiaroscuro de Alan Pauls que outras realidades estariam postas nesta obra? A singeleza da aproximação do universo masculino com o feminino se interpõe em múltiplos significados. Num mundo controlado por homens, por mais pranto que seja, no sentido de lamentar, o universo feminino só se fez ver travestido de masculino em uma verdadeira *História do pranto*. Não à toa a mãe/mulher tem sua aparição quase ao final do texto em sua condição imposta pela tradição judaico-cristã, no leito a prantear.

Resenha:

Recebido em: 03/05/2010

Aceito em: 31/05/2010